

Campanha Salarial ganha força

Fotos: Daniel Garcia



Debate (acima), lançamento unificado da campanha (ao lado) e passeata até a Reitoria com apoio dos estudantes mostram que a comunidade universitária começa a mobilizar-se

O lançamento da Campanha Salarial de 2000, na quarta-feira, 5 de abril, foi um sucesso, revelando que as categorias começam a mobilizar-se em busca das perdas.

Após o lançamento, realizado à tarde no auditório da História, docentes e servidores, com apoio do DCE, realizaram passeata até a Reitoria, para entrega da pauta de reivindicações. O reitor não estava presente e o diretor de Recursos Humanos recebeu o Fórum das Seis.

QUEREMOS
25%
de reajuste imediato
Reposição automática
a cada 5% de inflação

Mais de mil pessoas participaram da manifestação, entre servidores, docentes e estudantes. Pela manhã, no debate organizado pela Adusp (leia na p. 3), o auditório da História lotou.

A paralisação foi significativa no campus da Capital. A assembléia do dia 11 debaterá indicativo de paralisação no dia 13, quando haverá manifestação diante da Secretaria da Ciência e Tecnologia.

Assembléia Geral da Adusp

11 de abril, terça-feira, às 17 horas
Auditório Abrahão de Moraes, na Física

Cresce a indignação e a participação Cruesp muda de tom

Na última campanha salarial o Cruesp sustentava que a mudança de política cambial introduzia incertezas na economia e na arrecadação do Estado. Na ausência de pressões de base, não negociou qualquer reajuste salarial. Em novembro/99 era claro o processo de recuperação da economia e de crescimento da arrecadação. Já seria possível minimizar as perdas salariais que acumulávamos, se não com um reajuste, ao menos com abonos que permitissem corrigir qualquer erro de avaliação no crescimento do orçamento das Universidades Estaduais Paulista. O Cruesp mostrou-se insensível às argumentações apresentadas pelo Fórum das Seis e adiou as negociações para fevereiro/2000. Neste mês novamente a inflexibilidade do Cruesp remeteu a discussão para a data base, em maio.

O balanço financeiro das Universidades neste início de ano confirmou que temos a maior folga orçamentária dos últimos cinco anos. A despesa com salários até fevereiro atingiu apenas 73,8% do repasse às universidades, enquanto acumulamos uma perda salarial, desde maio de 1995, em torno de 33%!

Sentindo o rumor de insatisfação, a Reitoria sai a campo com uma proposta divisionista. A Assembléia da Adusp declara ser inaceitável qualquer reajuste diferenciado entre categorias, intra-categorias ou entre ativos e inativos. A questão central na data base é a recuperação de perdas passadas, que não se vincula a qualquer processo de avaliação.

Cresce a indignação, a insatisfação e a participação em nossas assembléias setoriais e gerais. Os reflexos são imediatos e estão claros

nos resultados da última reunião do Cruesp (veja o relato neste mesmo boletim). Precisamos criar a atmosfera propícia para uma boa negociação durante este mês de abril. Nosso dia de Reflexão, Protesto e Paralisação em Defesa da Universidade Pública foi um belo começo. É fundamental que ampliemos a participação em nossas próximas assembléias e mobilizações, estreitando os laços que unem professores, alunos e funcionários em defesas de nossos salários e de uma Universidade pública, gratuita e de qualidade.



Daniel Garcia

Assembléia do Sintusp no dia 5 de abril, na História

A reunião de 3 de abril com os reitores

Convocada pelo Cruesp, foi realizada reunião com o Fórum das Seis no dia 3/4 às 16 horas na Secretaria de Ciência e Tecnologia. A reunião tinha como pauta a discussão de um cronograma para as negociações de data-base.

O itens fundamentais de debate foram os seguintes :

1) O Cruesp propos o adiantamento do pagamento do reajuste, a ser negociado durante o mês de abril, para o início de maio – no lugar do início de junho – ,que foi aceito pelo Fórum.

2) O Cruesp propos a discussão integrada do reajuste de data-base e dos projetos das reitorias para cada universidade. Neste Ítem manifestamos aos reitores a decisão unânime do Fórum de só discutir reivindicações específicas de categorias ou propostas particulares de cada universidade após a negociação das reivindicações salariais unitárias de docente e funcionários. Embora esta posição tenha sido contestada pelo presidente do Cruesp, argumentamos que esta decisão baseava-se na constatação de que a situação salarial de docentes e funcionários, juntamente com seus reflexos perversos na vida da universidade, é de tal gravidade, que deve ser prioridade absoluta neste momento;

3) O Cruesp propos que os dias 14/4 e 24/4 fossem acordados como datas para

realização das rodadas de negociações, tendo em vista que as folhas salariais devem ser fechadas até o dia 25 de cada mês. O Fórum contra-propos os dias 13/4 e 19/4 como datas iniciais de negociação no mês de abril. O motivo fundamental era ampliar a distância entre as rodadas de negociação e o fechamento da folha, possibilitando a realização de outra reunião de negociação no dia 24/4, se necessária; esta proposta foi aceita pelo Cruesp.

4) O Cruesp propos que um eventual acordo tivesse validade por dois anos, sendo submetido a revisões anuais. O Fórum das Seis declarou que levaria esta idéia à consideração de docentes e funcionários, não podendo aceitá-la ou rejeitá-la naquele momento.

Durante a reunião, além de registrar a nossa reivindicação de reajuste imediato de 25%, o Fórum das Seis apresentou argumentos quanto à necessidade de proteção sistemática dos salários em relação à corrosão inflacionária. O presidente do Cruesp respondeu que estaria disposto a discutir critérios para sempre que a inflação ultrapasse um certo patamar, convocar reunião do Cruesp com o Fórum das Seis para discutir providências compatíveis com a situação orçamentária e salarial de docentes e funcionários.

Debatedores denunciam processo de mercantilização e desmonte da USP

Fazia tempo que não se via algo assim na USP! O debate organizado pela Adusp na quarta-feira, 5 de abril, Dia de Reflexão, Protesto e Paralisação em Defesa da Universidade Pública, reuniu centenas de pessoas, lotando durante toda a manhã o auditório da História.

Docentes, servidores e estudantes participaram do debate, que tratou dos ataques que a universidade pública vem sofrendo no país, com destaque para o caso da USP. Os expositores foram Milton Santos, da FFLCH, Benedito Machado, da FMRP, Francisco Miraglia e Marcos Magalhães, do IME e da diretoria da Adusp.

Todos os oradores reafirmaram a necessidade de defesa vigorosa da Universidade pública, gratuita, crítica e democrática, opondo-se de maneira frontal ao processo de privatização e mercantilização impulsionado pelas reformas neoliberais.

Desfiguração

De acordo com Milton Santos, a idéia da universidade pública está sendo desfigurada. "É preciso reconfigurar a universidade como lugar do pensamento puro e crítico. A universidade é pública porque está a serviço de todos, não porque não é paga. O ensino é gratuito porque é para todos. Não basta ser gratuita, tem que ser pública".

"A universidade hoje se vangloria de ser fechada. Veja a Fuvest, é uma muralha na frente da universidade, barrando a entrada dos estudantes". Ele denunciou a redução gradativa da liberdade de cátedra. "Hoje a submissão é aceita. As decisões arbitrárias são aceitas. Há duas universidades, uma que manda e uma que não ousa



O auditório da História foi pequeno para tanta gente

desobedecer! O professor hoje está cabisbaixo diante da autoridade".

Na opinião do professor, "estamos protestando por algo que já não existe. Não há mais universidade pública. É tempo de mudar de debate. É preciso autocrítica da universidade, se não continuaremos com um discurso vazio. A Adusp precisa mobilizar os colegas para essa cruzada inadiável se quisermos reconstruir o país".

Perdas salariais

Francisco Miraglia enfatizou que a questão salarial não pode ser tratada de forma isolada. "Ela faz parte do enfrentamento político global. O salário não é uma conquista diferente das demais. Estamos correndo atrás do que ganhamos com luta e nos tomam no cotidiano".

"Não há justificativa para o arrocho salarial baseado na diminuição da arrecadação do ICMS", disse, mostrando uma série de gráficos. "Temos a melhor situação orçamentária da universidade

dos últimos dez anos! Trabalhamos 15 meses de graça nos últimos cinco anos.

Poder paralelo

Para ilustrar sua convicção de que "a privatização da USP é um fato, está nos jornais", Benedito Machado leu para o auditório notícia sobre a decisão da Justiça Federal de suspender cursos realizados pela Fundação Bauruense de Estudos Odontológicos (Funbeo) em convênio com a Faculdade de Odontologia da USP de Bauru.

No seu entender, as fundações são a ponta de lança do processo de privatização, funcionando como empresas, balcões de negócios. "Essas fundações se constituem hoje em um poder paralelo, maior do que a força dos próprios órgãos colegiados institucionais. Estamos dentro de um modelo perverso de privatização, porque ele não é declarado. Precisamos repensar o estatuto da USP, preocupando-nos com a carreira docente e o regime de trabalho".

Avaliação autoritária

Marcos Magalhães fez duras críticas à Comissão Especial de Regimes de Trabalho (CERT). "A avaliação da CERT é autoritária, baseada na publicação de artigos, sem critérios claros. Esse incentivo à produção de *papers* quer ser entendido como incentivo à pesquisa. Querem transformar a publicação num fim em si mesmo".

Além disso, destacou o presidente da Adusp, a CERT despreza as atividades de docência e extensão. "Será que é razoável 4 700 docentes serem avaliados por 13 professores indicados pelo reitor? Eles sabem que é um número insuficiente. Pretendem criar um ambiente de intimidação, para que os departamentos e unidades sejam mais realistas que o rei", afirmou, lembrando que a CERT tem humilhado professores por meio da ameaça de redução de jornada. "É preciso acabar com essa política de intimidação através da CERT que o sr. Reitor está implantando nesta universidade. Vamos dar um basta à avaliação autoritária".

Um dia de protesto na USP

Fotos: Daniel Garcia



Acima, Fórum das Seis entrega pauta de reivindicações. Na foto maior, manifestantes participam de ato em frente à reitoria

Reitoria quer punir manifestantes

A Adusp lamenta a atitude da reitoria de buscar punir aqueles que participaram da paralisação. Não podemos aceitar retaliações aos funcionários que estão participando de um justo movimento reivindicatório.

Senhor Dirigente

Informamos que os funcionários faltosos, em virtude da paralisação ocorrida em alguns órgãos da USP, deverão ter o dia descontado, conforme legislação trabalhista em vigor.

Atenciosamente.

Prof. Gilberto Tadeu Shinyashiki
Diretor de Recursos Humanos

Fac-símile de mensagem distribuída pela reitoria através da Internet

E as contas, hein ?

O Fórum das Seis está discutindo formas de estimar a evolução futura da arrecadação do ICMS. Num primeiro estágio é necessário obter um índice que, por um lado reflita a variação de arrecadação devida à sazonalidades e à conjuntura macro-econômica, e por outro, tenha correlação baixa com a evolução da inflação. A base de dados que está sendo considerada consiste da evolução consolidada do ICMS nos últimos quatro anos, juntamente com as planilhas divulgadas pelo Cruesp. Estudos preliminares indicam que há condições de atender as nossas reivindicações.

Custos da divulgação

A Adusp publicou na quarta-feira, 5 de abril, matéria paga nos jornais Folha de S. Paulo e Estado de S. Paulo ao custo de R\$ 28.571,40 e R\$ 30.966,00, respectivamente. A publicação foi autorizada pela assembléia de 29 de março. Foi ainda aprovada a veiculação de mensagem em rádio (5 inserções na rádio Eldorado e 2 na CBN ao custo total de R\$ 7.413,00). Para cobrir essa despesa foi utilizado o Fundo de Reserva estatutário, constituído com parte da contribuição dos associados.